

Pássaros Nativos: Criação Doméstica é Fundamental

ISSN 1981-8874



Rob de Wit

Ultimamente, muito se têm discutido a respeito da degradação ambiental, aquecimento global, preservação de espécies animais e vegetais. Muitos fatores estão ligados aos pontos citados sendo a maioria deles influenciada por ações humanas, com conseqüências muitas vezes irreparáveis. Notamos que ações para reverter essa situação deveriam ser iniciadas com urgência, porém na maioria dos casos só se toma providências tardiamente, quando, por exemplo, acontecem catástrofes climáticas ou extinção de espécies de seres vivos. Voltando a atenção à fauna nacional, mais especificamente aos passeriformes, observamos que a sua preservação está fortemente ligada em muitos aspectos ao trabalho de reprodução em ambiente doméstico, como explico a seguir.

No Brasil notamos que ainda restam áreas preservadas, provavelmente pelo avanço das fronteiras agrícolas e industriais ter se iniciado bastante tardiamente com relação ao que se viu em outras regiões do planeta. Lamentável notar que, mesmo vendo o anti-exemplo mundial, em que todo tipo de agressão ao meio ambiente trouxe evidentes conseqüências negativas, o Brasil esteja seguindo o mesmo caminho. Associando-se a isto, temos fatos mais recentes como a crescente escassez de bens preciosos como a água potável, além do desmatamento desenfreado que impede o estudo de plantas com possíveis de princípios curativos para muitas doenças.

A seqüência exibida abaixo mostra a evolução do desmatamento no estado de São Paulo:

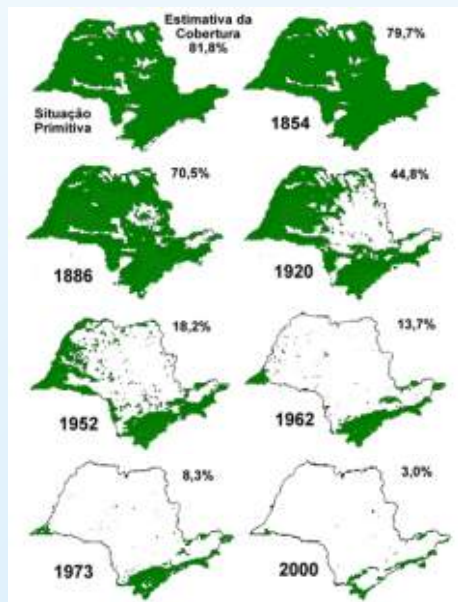


Figura 01: Evolução do desmatamento no estado de São Paulo

Nesse contexto, podemos ver que a fauna nacional, por depender da cobertura arbórea, encontra-se numa situação crítica, com o número de espécies seriamente ameaçados em ritmo crescente. O risco de extinção é iminente. Biomas inteiros estão sendo destruídos. Precisamos urgentemente nos organizar, banir o desmatamento, fiscalizar e punir traficantes, reduzir a emissão de poluentes, reciclar o lixo, tratar o esgoto doméstico e industrial e proteger os mananciais hídricos, entre outras ações.



Figura 02: Rio preservado.



Figuras 03 e 04: Rios poluídos e com a mata ciliar degradada.

O avanço da fronteira agrícola também acarreta danos consideráveis, em especial por ser muito comum a derrubada de matas para a implantação de monoculturas, que podem ser considerados “desertos verdes”, pois proporcionam condições precárias para sobrevivência da maior parcela dos seres, sem esquecermos, ainda, das constantes queimadas em canaviais.



Figura 05: Extensas áreas ocupadas com uma única espécie vegetal – monocultura



Figura 06: Canavial em queimada noturna.

Acreditamos, porém, que além de preservar o ambiente natural intacto e tentar recuperar ambientes já degradados, que há uma importantíssima ferramenta para contribuir com a preservação das espécies: **a criação em domesticidade** em larga escala, principalmente para as espécies mais ameaçadas. Podemos visualizar a importância disso, comparando a situação atual de espécies que habitam o mesmo bioma, como vemos abaixo:

O Tamanduá-Bandeira - *Myrmecophaga tridactyla*, Cachorro Vinagre - *Speothos venaticus*, Gato-palheiro - *Oncifelis colocolo* e a Ema - *Rhea americana*. São quatro espécies que habitam região em comum do Brasil Central, em especial nas regiões de Cerrado. Todas sofrem com a constante diminuição de seu hábitat, ficando cada vez mais restrito a algumas reservas e mesmo nelas estão ameaçadas, em especial pelas frequentes queimadas. É importante notar que, mesmo habitando a mesma região, apenas as três primeiras estão ameaçadas de extinção. Mas, então por que a Ema não se encontra nessa mesma situação? Justamente por

estar sendo largamente reproduzida em ambiente doméstico.



Figura 07: Criação doméstica de emas

Não diferente de outras espécies, os passeriformes nativos selvagens estão acoados, sendo que, assim como as emas, a criação em ambiente doméstico é imprescindível, principalmente para os mais ameaçados. Interessante salientar que o número de pessoas interessadas em fazer esse trabalho de preservação é tão grande que foi criado um programa específico para esse meio, batizado de SISPASS (Sistema de Cadastro de Criadores Amadoristas de Passeriformes). O número de criadores nele inscrito já ultrapassa os 270 mil. Vale ressaltar que nessa modalidade de criação não é permitida a comercialização de exemplares; portanto, não há fins lucrativos. O intuito é regulamentar a manutenção e estimular a preservação através da reprodução. Transações podem ser feitas para que haja troca de material genético. Há também outra modalidade, a de criadores comerciais, onde se podem comercializar aves nativas. Nesse caso, o pássaro segue acompanhado de nota fiscal. Em ambos os casos, a identificação da ave é feita e feito por anéis invioláveis.

Infelizmente, no Brasil, a mídia aborda de maneira contraditória o fato de se ter animais em criação doméstica: de um lado divulga com ênfase as notícias relacionadas com o tráfico de animais – o que é corretíssimo – mas, de outro, reserva pouco espaço para divulgar o enorme trabalho de preservação. É de suma importância ressaltar que, o criador legal é o mais atingido, justamente ele que mais o que mais abomina o tráfico. Dizer que criadores legais apóiam a caça seria como dizer que os músicos apóiam a pirataria de CDs. O tráfico vai contra os princípios legais e éticos dos criadores, que pagam suas taxas e impostos e não medem esforços, justamente para não entrar na clandestinidade. O exemplo supremo de que os criadores são contra a captura de animais selvagens é a iniciativa de se ter a bitola dos anéis diminuída, de forma que o pássaro só possa ser anilhado até o décimo dia de vida. Isto partiu justamente deles. Há ainda mais motivos para se

evitar pássaros de origem duvidosa, como por exemplo, o fato de os nascidos em domesticidade terem comportamento infinitas vezes mais condizente ao manejo doméstico. Além disso, os pássaros provenientes dos criadouros terem passado por trabalho de seleção, o que lhes permite qualidades de cor, porte e principalmente canoras muito superiores aos demais.

O Bicudo - *Oryzoborus maximiliani* – certamente é um dos melhores exemplos de como a criação doméstica é fundamental para a preservação de espécies. Ele é um pássaro que habita áreas de banhado, extremamente territorialista, necessitando uma extensa área para se reproduzir. Alimenta-se especialmente de sementes de capim-navalha. Em liberdade, devido às condições de disputa por território, fuga de predadores e busca por alimento, vive pouco, aproximadamente por 10 anos. E não costuma ter muitos filhotes. É um pássaro que não aprecia a interferência em seu hábitat e quando se sente ameaçado migra para outras regiões. Também não suporta águas poluídas. É o tipo de animal que, em liberdade, está extremamente ameaçado; quase não encontra mais local adequado à sobrevivência. Porém, sendo um dos pássaros mais apreciados e criados em cativeiro, hoje se encontra fora de perigo de extinção. O trabalho de reprodução é intenso: são criados filhotes aos milhares, com muito sucesso.



Figura 08: Área de banhado, típico habitat de Bicudos



**Figuras 09 e 10: Filhotes de Bicudos
Sucesso na reprodução doméstica**

Em alguns momentos, sentimos que há preconceito com relação à criação se dar em gaiolas. Podemos dizer que realmente seria maravilhoso se pudéssemos proporcionar ambientes enormes para os pássaros. O mesmo poderia ser dito para outros animais como os peixes de aquário, cães, gatos, frangos bovinos, caprinos, suínos e, porque não, para os seres humanos. Porém, temos certeza, que as gaiolas, que são proporcionalmente iguais ou até melhores a que outras espécies estão submetidas, são muito adequadas aos passeriformes. Podemos dizer isso baseado na facilidade com que se reproduzem e na grande expectativa de vida, muito maior que em liberdade (há relatos de bicudos com 30 ou 40 anos de idade). Estes são sinais claros de que estamos proporcionando condições de vida plenas aos animais.

Concluindo, podemos ver que a degradação ambiental está deixando pouco espaço para nossas aves selvagens. Por outro lado, preservar o resto das que ficarem acoadas em parques e reservas florestais pode ser muito arriscado. Durante as épocas de inverno, com o clima seco, temos notícias de milhares de focos de incêndio consumindo ecossistemas inteiros. Dados revelam que mais de 80% do Parque Nacional das Emas já foi atingido pelo fogo no mínimo sete vezes entre 1973 e 1995. Em 1994 aproximadamente 97% da área do parque foi atingido. É necessário conscientizar a população; evitar que a opinião pública se influencie por notícias parciais.

É extremamente necessário que as entidades que regulamentam o setor colaborem, com técnicos capacitados e bem orientados, e com normas que permitam a continuidade e o aperfeiçoamento de tudo que já foi feito. Temos, em domesticidade, exemplares de aves legais em quantidade e qualidade suficientes, não sendo necessário buscá-las em estado selvagem.

Temos pessoas dispostas e habilitadas. Basta nos permitir trabalhar para garantir a preservação de nossas espécies.. É evidente que a criação em domesticidade é um caminho seguro para a preservação das espécies ameaçadas.

**Zootecnista, Diretor da COBRAP-
Confederação Brasileira dos Criadores de Pássaros Nativos**